

JOHN CHEEVER

# 28 contos

*Seleção e prefácio*

Mario Sergio Conti

*Tradução*

Jorio Dauster

Daniel Galera



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1946, 1947, 1948, 1949, 1950, 1951, 1952, 1953, 1954, 1955, 1956, 1957, 1958, 1960, 1961, 1962, 1963, 1964, 1965, 1966, 1967, 1968, 1970, 1972, 1973, 1977, 1978, John Cheever  
Copyright renewed © 1977, 1978, John Cheever  
All rights reserved  
Copyright do prefácio © 2010 by Mario Sergio Conti

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

A tradução dos versos do poema “The courtship of the Yonghy-Bonghy-Bò”, de Edward Lear, na página 40, é de Dirce Waltrick do Amarante.

A tradução dos dois versos do soneto “Bright Star”, de John Keats, na página 293, é de Renato Suttana.

*Título original*

The stories of John Cheever

*Capa*

Jeff Fisher

*Preparação*

Márcia Copola

*Revisão*

Carmen S. da Costa

Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Cheever, John  
28 contos / John Cheever ; seleção e prefácio Mario Sergio Conti ; tradução Jorio Dauster, Daniel Galera. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: The stories of John Cheever

ISBN 978-85-359-1773-4

I. Contos norte-americanos I. Conti, Mario Sergio. II. Título.

10-10725

CDD-813

---

Índice para catálogo sistemático:

I. Contos : Literatura norte-americana 813

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

# Sumário

7 *Prosa invencível* — Mario Sergio Conti

- 15 Adeus, meu irmão
- 36 O enorme rádio
- 47 Ó cidade dos sonhos falidos
- 66 Os Hartley
- 75 O camponês de verão
- 87 Lamento amoroso
- 104 O pote de ouro
- 121 O Natal é uma época triste para os pobres
- 131 A temporada do divórcio
- 143 A cura
- 154 Os males do gim
- 168 Oh, juventude e beleza!
- 178 Só mais uma vez
- 184 O invasor de Shady Hill
- 204 O bicho da maçã
- 209 O caminhão de mudanças vermelho

- 222 Só quero saber quem foi  
241 A cômoda  
251 Miscelânea de personagens que ficarão de fora  
258 O general de brigada e a viúva do golfe  
274 Uma visão do mundo  
282 Reencontro  
286 Mene, Mene, Tekel, Upharsin  
294 Marito in città  
306 O nadador  
318 O mundo das maçãs  
331 Três histórias  
342 As joias da sra. Cabot
- 359 Sobre o autor

# Adeus, meu irmão

Nossa família sempre foi muito unida espiritualmente. Papai morreu afogado num acidente de barco quando éramos pequenos e mamãe costuma dizer que nossas relações familiares possuem um tipo de permanência que jamais voltaremos a encontrar. Embora eu não pense frequentemente na família, quando lembro de meus parentes, da área da costa em que viviam e do sal marinho que faz parte de nosso sangue, fico feliz em saber que sou um Pommeroy — que herdei deles o nariz, a cor da pele e a promessa de longevidade. Não que sejamos uma família de estirpe, porém, quando estamos juntos, nos permitimos a ilusão de que os Pommeroy têm algo de especial. Não digo isso porque me interesse pela história da família ou por dar grande importância a essa sensação de sermos especiais, mas apenas para deixar claro que somos leais uns com os outros a despeito de nossas diferenças e que qualquer ruptura nessa lealdade constitui uma fonte de dor e confusão.

Somos quatro filhos: minha irmã Diana e três homens — Chaddy, Lawrence e eu. Como ocorre com quase todas as famílias depois que os filhos passam dos vinte anos, fomos nos separando por conta dos empregos, dos casamentos e da guerra. Helen e eu agora moramos em Long Island com nossos quatro filhos. Sou professor numa escola secundária e, se já não tenho a pretensão de

chegar a diretor, admiro o trabalho que faço. Chaddy, que se deu melhor do que qualquer um de nós, vive em Manhattan com Odette e seus filhos. Mamãe mora na Filadélfia e Diana ficou na França após o divórcio, só voltando aos Estados Unidos no verão para passar um mês em Laud's Head. Laud's Head é um local de veraneio numa ilha de Massachusetts. Onde antes tínhamos apenas uma cabana de praia, papai construiu na década de 20 uma casa bem grande no alto de um promontório. Com exceção de Saint-Tropez e de algumas cidadezinhas nos Apeninos, aquele é meu lugar predileto no mundo. Todos nós temos uma parcela da propriedade e contribuímos para sua manutenção.

Nosso irmão mais moço, Lawrence, que é advogado, se empregou numa firma de Cleveland depois da guerra e ficamos quatro anos sem vê-lo. Quando decidi mudar para Albany, escreveu a mamãe dizendo que, antes de começar a trabalhar na nova firma, passaria dez dias em Laud's Head com a esposa e os dois filhos. Sua estada lá coincidiria com a época em que eu havia planejado tirar férias com Helen depois de terminadas as aulas do período de verão. Como Chaddy, Odette e Diana também iam para lá naqueles dias, toda a família estaria reunida. Lawrence é o membro da família com quem todos os outros têm menos em comum. Nunca convivemos muito com ele e suponho que por isso ainda o chamemos de Tifty — apelido que ganhou na infância porque, quando vinha pelo corredor para tomar o café da manhã, seus chinelos faziam um ruído semelhante ao som daquela palavra. Era assim que papai o chamava, e todos passaram a fazer o mesmo. Quando ele cresceu, Diana às vezes o chamava de Menino Jesus e mamãe, frequentemente, de Resmungão. Embora não gostássemos de Lawrence, aguardávamos seu retorno com um misto de apreensão e lealdade, somado à alegria e ao prazer de recuperar um irmão.

Lawrence chegou à ilha no barco das quatro da tarde, já no fim do verão, sendo recebido por mim e por Chaddy. As chegadas e saídas das balsas no verão são cercadas de todo o aparato das grandes viagens — apitos, sinos, baús, encontros calorosos, cheiro de maresia —, conquanto se trate de uma travessia banal; quando vi o barco entrar no porto azul naquela tarde e pensei que ele completara uma viagem banal, percebi que esse era exatamente o tipo de observação que Lawrence teria feito. Procuramos seu rosto detrás dos para-brisas dos carros que desciam da balsa e não foi difícil reconhecê-lo. Corremos para lhe dar um

aperto de mão e beijar meio sem jeito sua esposa e as crianças. “Tifty!”, Chaddy gritou. “Tifty!” É difícil avaliar as mudanças na aparência de um irmão, mas, ao voltarmos para Laud’s Head, Chaddy e eu concordamos que ele ainda tinha um ar bastante jovem. Lawrence chegou à casa antes de nós e pegamos as malas em seu carro. Quando entrei, ele estava em pé na sala de visitas conversando com mamãe e com Diana. Usando suas melhores roupas e todas as joias, elas o recebiam com grande entusiasmo; mas mesmo então, quando todos tentavam se mostrar afetuosos e o momento favorecia tais manifestações, eu sentia uma ligeira tensão na sala. Refleti sobre isso enquanto subia as escadas carregando as pesadas malas de Lawrence e me dei conta de que nossas antipatias são tão profundamente enraizadas quanto nossas melhores paixões, lembrando-me de que vinte e cinco anos antes, quando joguei uma pedra na cabeça de Lawrence, ele se levantou do chão e correu para fazer queixa ao papai.

Levei as malas para o terceiro andar, onde Ruth, a esposa de Lawrence, começara a acomodar a família. Ela é bem magra e parecia muito cansada após a viagem, mas, quando perguntei se queria que lhe trouxesse um drinque, respondeu que não.

Lawrence não estava por lá quando descí, mas todos os demais se preparavam para tomar um drinque e resolvemos ir em frente sem ele. Lawrence é o único membro da família que jamais gostou de beber. Levamos as bebidas para o terraço a fim de apreciar a vista dos rochedos, do mar e das ilhas a leste. A chegada de Lawrence e de sua esposa, a presença deles na casa, parecia reavivar nossas reações à paisagem tão familiar, como se o prazer que eles iriam sentir diante da amplidão e das cores daquele trecho do litoral, após tão longa ausência, houvesse sido partilhado conosco. Ainda estávamos no terraço quando Lawrence chegou pelo caminho que subia da praia.

“A praia não é uma beleza, Tifty?”, mamãe perguntou. “Não é formidável estar de volta aqui? Quer um martíni?”

“Não faz nenhuma diferença”, Lawrence respondeu. “Uísque, gim — pouco me importa o tipo de bebida. Me dê um pouco de rum.”

“Não temos nenhum rum”, disse mamãe. Era a primeira nota áspera. Ela nos ensinara a não sermos nunca indecisos, jamais responder como Lawrence respondera. Além disso, ela se preocupava muito em manter os comportamentos corretos na casa, e qualquer coisa irregular segundo seu entender, tal como beber rum puro ou levar uma lata de cerveja para a mesa, lhe causava uma per-

turbação que nem mesmo seu vasto senso de humor permitia superar. Ela sentiu a aspereza e tentou desanuviar a situação. “Você não quer um uísque irlandês, meu querido?”, ela perguntou. “Você sempre gostou de uísque de cevada, não é? Ali no aparador tem uísque irlandês. Por que não toma uma dose?” Lawrence disse que não fazia nenhuma diferença. Serviu-se do martíni e, quando Ruth desceu, fomos jantar.

Embora a espera por Lawrence nos tivesse obrigado a beber demais antes do jantar, todos estávamos ansiosos para criar um clima agradável e fazer a refeição em paz. Mamãe é uma mulher pequena, cujo rosto ainda mostra quão bonita ela foi, e sempre conduz a conversa para temas leves, porém naquela noite só falou sobre um projeto de recuperação do solo na parte norte da ilha. Diana, tão bonita quanto mamãe deve ter sido, é uma mulher animada e charmosa que adora falar sobre os amigos libertinos que tem na França, mas naquela noite só falou sobre a escola na Suíça onde tinha deixado os dois filhos. Dava para ver que o jantar fora planejado para agradar a Lawrence. Os pratos não eram sofisticados, não havia nada de extravagante que pudesse aborrecê-lo.

Após o jantar, quando voltamos ao terraço, as nuvens estavam tingidas de um tom sanguíneo e fiquei satisfeito ao ver que Lawrence estava sendo recepcionado com um pôr do sol tão vívido. Alguns minutos depois um homem chamado Edward Chester veio apanhar Diana. Eles haviam se encontrado na França ou durante a viagem de navio e Edward resolvera se hospedar por dez dias no hotelzinho local. Foi apresentado a Lawrence e Ruth, saindo logo em seguida com Diana.

“É com esse aí que ela agora anda dormindo?”, Lawrence perguntou.

“Que coisa mais horrorosa de se dizer!”, Helen protestou.

“Você devia pedir desculpas por falar uma coisa dessas, Tifty”, Chaddy disse.

“Não sei”, mamãe comentou com voz cansada. “Não sei, Tifty. Diana é dona de seu nariz e eu não faço perguntas sórdidas. Ela é minha única filha. Não a vejo com frequência.”

“Ela vai voltar para a França?”

“Daqui a duas semanas.”

Lawrence e Ruth estavam sentados no parapeito do terraço, e não nas cadeiras, nem no círculo de cadeiras. Com sua boca tensa, meu irmão era a imagem perfeita de um pastor puritano. Às vezes, quando tento entender sua maneira de pensar, lembro dos primeiros tempos de nossa família neste país. Aquele comen-



tário sobre Diana e seu amante me trouxe isso à cabeça. O ramo dos Pommeroy a que pertencemos foi fundado por um pastor altamente louvado por Cotton Mather devido à sua incansável luta contra o Demônio. Os Pommeroy foram pastores até meados do século XIX, e a dureza de suas concepções — a vida humana é feita de dor, toda a beleza deste mundo nasce da concupiscência e é corrupta — foi preservada em livros e sermões. Embora o temperamento da família se tenha tornado mais alegre, quando criança conheci muitos primos e primas já velhos que, parecendo pertencer àquela época sombria dos sacerdotes, viviam mergulhados numa culpa perpétua e na deificação do flagelo. Para alguém criado nessa atmosfera, como de certo modo nós fomos, é um desafio espiritual rejeitar os hábitos de culpa, autonegação, taciturnidade e penitência — e Lawrence sem dúvida não havia passado nesse teste.

“Aquela ali é Cassiopeia?”, perguntou Odette.

“Não, minha querida”, disse Chaddy. “Aquela não é Cassiopeia.”

“Quem era Cassiopeia?”, continuou Odette.

“Era mulher de Cefeu e mãe de Andrômeda”, respondi.

“A cozinheira é fã dos Giants”, disse Chaddy. “Está apostando que eles vão ser os campeões.”

Tinha ficado tão escuro que dava para ver a luz do farol do cabo Heron cruzando o céu. Da base do promontório subia o ribombar incessante das ondas. E então, como costuma fazer quando cai a noite e ela bebeu demais antes do jantar, mamãe começou a falar sobre as melhorias que pensava fazer na casa, nos seus anexos, banheiros e jardins.

“Esta casa vai ser tragada pelo mar dentro de cinco anos”, disse Lawrence.

“Tifty, o Resmungão”, Chaddy comentou.

“Não me chame de Tifty”, Lawrence disse.

“Menino Jesus”, Chaddy retrucou.

“O paredão do mar tem umas rachaduras enormes”, Lawrence continuou. “Eu vi hoje à tarde. Você mandou consertar há quatro anos e custou oito mil dólares. Não pode fazer isso a cada quatro anos.”

“Por favor, Tifty”, mamãe interrompeu.

“Os fatos são os fatos”, Lawrence persistiu. “É a maior idiotice construir uma casa na beira do penhasco numa parte da costa que está afundando. Desde que me entendo por gente, metade do jardim já foi tragada pelas ondas e hoje há mais de um metro de água onde antes existia uma cabaninha na praia.”

“Vamos conversar sobre assuntos de interesse *geral*”, disse mamãe amargamente. “Vamos falar sobre política ou sobre a festa no clube náutico.”

“Na verdade”, retomou Lawrence, “a casa provavelmente já está correndo algum risco agora mesmo. Se houver uma maré mais violenta, um furacão, o paredão pode ruir e arrastar a casa para baixo. Nós todos poderíamos morrer afogados.”

“Não *aguento* isso”, disse mamãe. Foi até a copa e voltou com um copo cheio de gim.

Embora tenha idade suficiente para saber que os sentimentos dos outros não podem ser julgados, eu conhecia a tensão existente entre Lawrence e mamãe e sabia de seus antecedentes. Lawrence devia ter no máximo dezesseis anos quando decidiu que mamãe era frívola, malvada, destrutiva e forte demais, se afastando dela a partir de então. Nessa época ele estava num colégio interno e lembro que não voltou para casa no Natal, indo ficar com um amigo. Após sua avaliação negativa de mamãe, poucas vezes voltou para casa e, quando o fazia, sempre procurava lembrá-la de seus sentimentos. Não contou a mamãe que ia se casar com Ruth, como também nada lhe disse quando seus filhos nasceram. No entanto, apesar de todo esse sério e prolongado esforço, ele parecia, ao contrário de todos os outros filhos, nunca ter realmente se separado dela, porque, quando estão juntos, dá para sentir de imediato a tensão, o clima carregado.

E, de certa forma, foi uma pena que mamãe tivesse escolhido aquela noite para se embriagar. É um direito que lhe assiste e ela não fica bêbada com frequência. Por sorte não se tornou belicosa, mas todos nós tínhamos consciência do que estava acontecendo. À medida que bebia gim sem dizer uma palavra, parecia se afastar tristemente de nós, como se houvesse embarcado numa viagem. Seu estado de espírito depois passou da viagem para o ressentimento, e os poucos comentários que fez foram petulantes e irrelevantes. Quando o copo estava quase vazio, ela olhou com raiva o ar à sua frente, movendo a cabeça como um pugilista. Eu sabia que, naquele momento, não havia espaço bastante em sua mente para todas as afrontas que vinham povoá-la. Seus filhos eram uns idiotas, seu marido se afogara, os criados não passavam de um bando de ladrões, a cadeira em que estava sentada era desconfortável. De repente, ela pousou o copo vazio e interrompeu Chaddy, que falava sobre beisebol. “Sei de uma *coisa*”, disse com voz rouca. “Sei que, se existe vida depois da morte, vou ter uma família bem diferente. Todos os meus filhos serão fabulosamente ricos, espirituosos e

encantadores.” Levantou-se e, ao caminhar em direção à porta, quase caiu. Chaddy a amparou e ajudou a subir as escadas. Pude ouvir que se davam boa-noite com palavras ternas e depois Chaddy desceu. Pensei que, a essa altura, Lawrence estivesse cansado da viagem e das horas passadas em casa, mas ele continuou no terraço como se esperasse por alguma ignomínia final. Todos nós o deixamos lá e fomos nadar no escuro.

Quando acordei, ou semiacordei, na manhã seguinte, ouvi o barulho de alguém passando o rolo compressor na quadra de tênis. É um som mais abafado e mais grave que o dos sinos das boias na ponta do promontório, um tilintar arrítmico de ferro que na minha mente assinala, com bons augúrios, o início de um dia de verão. Quando desci, os filhos de Lawrence estavam na sala de visitas, vestidos como caubóis dos pés à cabeça. São crianças magricelas e assustadas. Disseram-me que seu pai estava passando o rolo na quadra de tênis mas que eles não queriam ir lá fora porque tinham visto uma cobra sob o degrau da porta. Disse-lhes que seus primos — todas as outras crianças — tomavam o café da manhã na cozinha e que era melhor eles irem para lá. Ao ouvir isso, o menino começou a chorar, logo seguido pela irmã. Como se o fato de ir à cozinha tomar café exigisse o abandono de seus mais legítimos direitos. Disse-lhes que sentassem comigo. Lawrence entrou e perguntei se ele queria jogar tênis. Ele respondeu que não, muito obrigado, embora talvez jogasse com Chaddy. Nisso ele tinha razão, porque ambos jogam melhor do que eu. Depois do café da manhã ele de fato jogou com Chaddy, porém, quando os outros desceram para formar duplas, Lawrence desapareceu. Isso me irritou — talvez de forma pouco razoável —, porque nossas partidas de duplas eram animadíssimas e ele bem poderia ter jogado um set por mera cortesia.

No fim da manhã, quando subi sozinho da quadra de tênis, vi Tifty no terraço afastando uma tábua da parede com o canivete. “Que que há, Lawrence?”, perguntei. “Cupins?” Já havíamos tido um trabalhão com os cupins naquelas madeiras.

Na base de cada fileira de tábuas, ele me indicou uma linha azul quase apagada, feita com giz de carpinteiro. “Esta casa tem uns vinte e dois anos”, ele disse. “As tábuas devem ter duzentos anos. Quando construiu a casa, papai deve ter comprado as tábuas de todas as fazendas nas redondezas para lhe dar uma

aparência de coisa antiga. Ainda se pode ver o giz do carpinteiro onde as tábuas velhas foram pregadas.”

Apesar de eu haver esquecido, é verdade que, quando a casa foi construída, papai ou seu arquiteto decidiram cobrir as paredes com tábuas cheias de fungos e maltratadas pelo tempo. Não entendi por que Lawrence achava isso um escândalo.

“E olhe só essas portas”, Lawrence disse. “Olhe as portas e as molduras das janelas.” Acompanhei-o até a grande porta holandesa que dá para o terraço e a examinei. Conquanto fosse relativamente nova, alguém se esforçara para esconder sua verdadeira idade. Depois de golpear a superfície com uma ferramenta de metal, o carpinteiro passara tinta branca nas incisões para imitar o efeito do sal marinho, dos líquens e das intempéries. “Imagine gastar milhares de dólares para fazer uma casa nova parecer decrépita”, continuou Lawrence. “Imagine o tipo de mentalidade que isso indica. Imagine querer tanto viver no passado que você paga uma boa grana a alguém para desfigurar sua porta da frente.” Lembrei-me então da sensibilidade de Lawrence com relação ao tempo, de suas opiniões sobre nossa reverência pelo passado. Anos antes o ouvira dizer que nós, nossos amigos e nossa parte do país, sentindo-nos incapazes de lidar com os problemas do presente, havíamos, como um adulto infeliz, nos voltado para aquilo que supúnhamos ser uma época mais simples e mais venturosa, e que nossa mania de restauração e de preferir a luz de velas dava bem a medida de nosso fracasso irremediável. A desmaiada linha de giz azul tinha despertado nele essas ideias, a porta escarificada as reforçara e agora outras provas se sucediam — a lanterna de popa na porta, a imensa lareira, a largura das tábuas do assoalho e suas pecinhas que imitavam cavilhas. Enquanto eu ouvia a arenga de Lawrence sobre tais pecados, os outros voltaram da quadra. A expressão de mamãe se alterou tão logo ela o viu, deixando claro que não se poderia esperar muito do relacionamento entre a matriarca e o estranho no ninho. Ela pegou Chaddy pelo braço. “Vamos nadar e tomar uns martínis na praia”, disse. “Vamos ter uma manhã *fabulosa*.”

O mar naquela manhã tinha uma cor sólida de esmeralda. Todos foram para a praia, com exceção de Tifty e Ruth. “Não me importo com *ele*”, disse mamãe. Ela estava excitada e derramou um pouco de gim na areia. “Não me importo com *ele*. Pode ser tão *grosseiro*, tão *desagradável*, tão *macambúzio* quanto quiser, só não aguento o rosto daquelas crianças infelizes, aquelas crianças fabulosamente infelizes.” Com a altura do penhasco a nos separar, todos desancaram

Lawrence: como ele ficara pior em vez de melhorar, como era diferente de todos nós, como fazia questão de estragar cada prazer. Bebemos gim enquanto as críticas se tornavam mais e mais cáusticas, até que, um a um, fomos nadar na água cor de esmeralda. Ao voltarmos para a praia, ninguém falou de Lawrence de forma negativa: a linha de comentários críticos fora interrompida, como se o ato de nadar tivesse o dom purificador que se atribui ao batismo. Secamos as mãos, acendemos cigarros e o nome de Lawrence só era mencionado quando alguém sugeria carinhosamente algo que o pudesse agradar. Será que ele gostaria de velejar até a angra de Barin? De pescar?

E lembro agora que, enquanto Lawrence lá esteve, nadamos mais do que de costume, e por uma boa razão. Quando a irritação causada por ele começava a minar nossa paciência, não apenas com o próprio Lawrence mas com os demais, íamos todos nadar a fim de despejar o rancor nas águas frias. Posso ver a família, ressentindo-se das estocadas de Lawrence, sentada na areia e depois entrando no mar, mergulhando seguidamente, até que suas vozes revelavam a recuperação da paciência e a redescoberta de uma boa vontade inesgotável. Se Lawrence houvesse notado essa mudança — essa ilusão de purificação —, acho que teria encontrado no vocabulário da psiquiatria ou na mitologia do Atlântico uma palavra insípida para defini-la, porém não creio que haja reparado nisso. Assim, ele não foi capaz de caracterizar os poderes curativos do mar, mas essa foi uma das poucas chances de aviltamento que deixou escapar.

A cozinheira contratada para o verão era uma polonesa chamada Anna Ostrovick. Era excelente — uma mulher grandalhona, gorda, calorosa e trabalhadeira que levava a sério seu ofício. Gostava de cozinhar e de saber que a comida feita por ela era apreciada e consumida. Estava sempre nos incitando a comer alguma coisa. Preparava pão quente — brioches e croissants — para o café da manhã duas ou três vezes por semana e, ao trazê-los para a sala de jantar, dizia: “Comam, comam, comam!”. Quando a arrumadeira levava as travessas de volta para a copa, às vezes ouvíamos Anna dizer: “Ah, muito bem! Eles comeram!”. Dava de comer ao lixeiro, ao leiteiro e ao jardineiro. “Comam!”, ela lhes dizia. “Comam, comam!” Nas tardes de quinta-feira, ia com a arrumadeira ao cinema, mas não gostava dos filmes porque os atores eram magros demais. Ficava sentada na sala às escuras durante uma hora e meia observando a tela com ansiedade para ver se alguém havia gostado do que comera. Bette Davis deixou-lhe apenas a impressão de que se alimentava mal. “Eles todos são tão magricelas”, comen-

tava ao sair do cinema. À noite, depois de nos empanturrar e lavar as panelas, ela recolhia as sobras da mesa para ir alimentar as aves e os animais silvestres. Naquele ano tínhamos algumas galinhas e, embora àquela altura elas já tivessem se instalado nos poleiros, Anna enchia as gamelas e incitava as aves adormecidas a comer. Alimentava os pássaros no pomar e os esquilos no quintal. Sua figura na beira do jardim e sua voz peremptória — podíamos ouvi-la dizendo “Comam, comam, comam” —, juntamente com as cores do poente no clube náutico e o acender das luzes do farol do cabo Heron, passaram a simbolizar aquela hora do dia. “Comam, comam, comam”, podíamos ouvir Anna dizendo. “Comam, comam...” Logo depois escurecia.

Passados três dias da chegada de Lawrence, Anna me chamou à cozinha. “Diga à sua mãe que *ele* não entra mais na minha cozinha. Se *ele* continuar a entrar aqui o tempo todo, eu vou embora. *Ele* fica vindo aqui para dizer que tem pena de mim. Fica me dizendo que eu trabalho demais, que não sou bem paga e que devia fazer parte de um sindicato que garantisse minhas férias. Rá! Ele é tão magricela, e não para de entrar na minha cozinha quando estou ocupada para dizer que tem dó de mim, mas eu sou tão boa quanto ele, tão boa quanto *qualquer pessoa*, e não vejo razão para alguém vir se meter comigo o tempo todo e dizer que tem pena de mim. Sou uma cozinheira fabulosa e muito conhecida, tenho o emprego que quiser, e só estou trabalhando aqui no verão porque nunca estive numa ilha, mas posso ir para outro emprego amanhã e, se ele continuar a entrar na minha cozinha para dizer que tem pena de mim, diga à sua mãe que eu vou embora. Sou tão boa quanto *qualquer pessoa* e não tenho que ficar ouvindo aquele magricela dizer que sou uma infeliz.”

Fiquei contente em saber que a cozinheira estava do nosso lado, mas achei que a situação era delicada. Se mamãe pedisse a Lawrence que ficasse longe da cozinha, isso se transformaria numa fonte de aborrecimentos. Como tudo para ele era motivo de queixa, às vezes parecia que, sentado de cara amarrada à mesa, Lawrence entendia ser o alvo de todas as palavras de crítica pronunciadas por qualquer um sobre qualquer assunto. Não mencionei a ninguém a reclamação da cozinheira e, por alguma razão, as coisas se acalmaram por lá.

O foco seguinte de atritos com Lawrence surgiu por conta de nossas partidas de gamão.

Jogamos muito gamão quando estamos juntos em Laud’s Head. Às oito horas, depois do café, geralmente nos sentamos em volta do tabuleiro. De certo

modo, esses são alguns de nossos momentos mais prazerosos. As lâmpadas da sala não foram ainda acesas, Anna pode ser vista no lusco-fusco do jardim enquanto, acima dela, o céu exhibe continentes de sombra e fogo. Mamãe acende as luzes e chacoalha os dados dando o sinal para começarmos. Cada um de nós joga três partidas com adversários que vão se revezando. Jogamos por dinheiro e há ocasiões em que chegamos a ganhar ou perder cem dólares numa partida, embora as apostas sejam comumente bem mais baixas. Acho que Lawrence costumava participar — não tenho certeza —, porém o fato é que agora não joga mais. Recusa-se a fazer apostas. Não porque seja pobre ou contrário aos jogos de azar por uma questão de princípio, mas apenas por achar que os jogos são uma bobagem e uma perda de tempo. O que, entretanto, não o impedia de perder tempo nos vendo jogar. Todas as noites, quando o jogo tinha início, ele puxava uma cadeira para perto do tabuleiro, observando com atenção as peças e os dados. Mantinha uma expressão de menosprezo, mas não perdia um só movimento. Eu me perguntava por que ele ficava nos vendo jogar noite após noite e, prestando atenção em seu rosto, creio que descobri a razão.

Lawrence não joga por dinheiro e, por isso, não compreende a excitação de perder ou ganhar uma aposta. Como já não se lembra das sutilezas do jogo, o complexo sistema de apostas não pode interessá-lo. A partir daí, deve ter se convencido de que o gamão é um passatempo bobo, um jogo meramente de sorte, e que as marcações do tabuleiro simbolizavam nossa futilidade. E, porque ele não entendia as apostas e as chances que o jogo oferece, concluí que a Lawrence só interessavam os membros da família. Certa noite, quando eu jogava com Odette depois de ganhar trinta e sete dólares de mamãe e de Chaddy, acho que percebi o que se passava na sua cabeça.

Odette tem cabelos e olhos pretos. Como toma cuidado para nunca expor ao sol por muito tempo sua pele branca, o contraste notável entre o negro e o pálido não fica prejudicado nem durante o verão. Ela necessita de admiração e a merece, flertando de forma brincalhona com todos os homens que a cercam. Naquela noite, seus ombros estavam nus e o decote da blusa deixava à vista a divisão entre os seios, exibindo-os por inteiro quando ela se debruçava sobre o tabuleiro. Ela perdia e flertava, fazendo as perdas parecerem parte do flerte. Chaddy estava na outra sala. Ela perdeu três partidas e, ao terminar a terceira, se deixou cair no sofá e, me olhando nos olhos, disse alguma coisa sobre irmos para as dunas acertar as contas. Lawrence a ouviu. Olhei para ele. Parecia estar cho-

cado e ao mesmo tempo gratificado, como se houvesse suspeitado o tempo todo de que não estávamos jogando por algo tão insignificante quanto dinheiro. Naturalmente, posso estar errado, mas, ao acompanhar nossas partidas de gamão, Lawrence imaginava estar observando a evolução de uma tragédia pungente na qual o dinheiro que ganhávamos e perdíamos servia como símbolo para outras penalidades mais relevantes. É de seu feitio tentar descobrir significados ocultos em todos os nossos gestos e, mais certo ainda, nos atribuir motivos sórdidos quando pensa haver determinado a lógica interna de nossas condutas.

Chaddy veio jogar comigo. Nenhum dos dois jamais gostou de perder para o outro. Quando éramos mais novos, nos proibiam de jogar um contra o outro porque sempre acabava em briga. Cada um de nós acredita conhecer intimamente o temperamento do outro. Acho que ele é prudente; ele acha que sou impulsivo. Há sempre um elemento de confronto quando jogamos qualquer coisa — tênis ou gamão, beisebol ou bridge —, e às vezes parece mesmo que estamos engajados numa disputa de vida ou morte. Quando perco para Chaddy, não consigo dormir. Essa é apenas meia verdade de nossa relação competitiva, mas a meia verdade que seria visível para Lawrence. Sua presença ao lado da mesa mexeu tanto comigo que perdi duas partidas. Tentei não demonstrar minha raiva ao me afastar do tabuleiro. Lawrence me observava. Fui para o terraço a fim de curtir no escuro o ódio que sempre sentia ao perder para Chaddy.

Quando voltei para a sala, Chaddy e mamãe estavam jogando. Lawrence continuava a observar o jogo. Em sua mente, Odette perdera sua virtude para mim, eu perdera minha autoestima para Chaddy e agora eu gostaria de saber o que ele via na partida em curso. Parecia embevecido, como se as peças opacas e o tabuleiro pintado servissem para uma troca de forças poderosas. Quão dramático devia ser para ele o tabuleiro cercado de luminárias, os jogadores mudos e o ribombar das ondas lá fora! Aqui o canibalismo espiritual se fazia visível. Aqui, debaixo de seu nariz, estavam os símbolos do uso predatório que os seres humanos fazem uns dos outros.

Mamãe joga de uma forma astuta e ardente, embora tenha a mania de mexer nas peças do adversário. Quando joga com Chaddy, que é seu filho preferido, presta muita atenção, o que teria sido percebido por Lawrence. Mamãe é uma mulher sentimental. Tem bom coração, emocionando-se facilmente com as lágrimas e as fraquezas dos outros, uma característica que, como seu formoso nariz, o tempo em nada mudou. Como o sofrimento de outrem a mobiliza muito,



às vezes ela parece tentar adivinhar em Chaddy alguma infelicidade, alguma perda, que ela possa aliviar ou sanar, restabelecendo assim o relacionamento de que desfrutavam quando ele era pequeno e enfermiço. Ela adora defender os fracos e as crianças, sentindo falta disso agora que crescemos. O mundo das dívidas e dos negócios, dos homens e das guerras, da caça e da pesca a irrita. (Quando papai morreu afogado, ela jogou fora suas varas de pescar e espingardas.) Embora sempre nos tenha dado lições sobre a autoconfiança, é quando recorremos a ela em busca de consolo e ajuda — sobretudo Chaddy — que se vê em seu elemento. Imagino que Lawrence haja pensado que a velha senhora e seu filho estavam apostando ali suas próprias almas.

Ela perdeu. “Ah, meu *querido*”, exclamou. Como acontece nessas ocasiões, sua expressão era a de quem sofrera a perda de um ente querido. “Pegue meus óculos e o talão de cheques, me arranje alguma coisa para beber.” Lawrence por fim se levantou e esticou as pernas, nos lançando um olhar sorumbático. O vento e o mar haviam se agitado e pensei que, caso ele ouvisse as ondas, elas deviam representar apenas respostas sombrias às suas perguntas sombrias; ele imaginaria a maré alta apagando as brasas das fogueiras de nossos piqueniques. A companhia de uma mentira é insuportável, e ele se parecia com a corporificação de uma mentira. Eu não seria capaz de lhe explicar os prazeres simples e intensos de jogar por dinheiro, e me sentia horrorizado por ele haver sentado ao lado do tabuleiro imaginando que jogávamos por nossas almas. Inquieto, ele deu duas ou três voltas pela sala e então, como de hábito, foi embora atirando: “Acho que vocês vão acabar ficando malucos confinados nesta sala noite após noite. Vamos, Ruth, vou me deitar”.

Naquela noite, sonhei com Lawrence. Vi seu rosto de traços banais crescer até se tornar feio e, quando acordei de manhã, me senti mal, como se houvesse sofrido uma grande perda espiritual durante o sono, tal como a perda da coragem e do entusiasmo. Era ridículo deixar que meu irmão me perturbasse. Eu precisava tirar férias. Precisava relaxar. Na escola, vivemos num dos dormitórios, comemos numa mesa coletiva, nunca saímos. Além de ensinar inglês no inverno e no verão, trabalho no escritório do diretor e dou o tiro de largada nas competições de atletismo. Como necessitava me afastar daquela e de qualquer outra forma de ansiedade, decidi evitar meu irmão. Bem cedinho, levei Helen e